

O poder da transmissão de histórias e saberes afrobrasileiros grupo de samba de roda Fruto da Raiz, de Antonio Cardoso - BA

The power of transmitting Afro-Brazilian stories and knowledge samba de roda group Fruto da Raiz, by Antonio Cardoso – BA

Rebeca Bispo Pinho*

Universidade Estadual de Feira de Santana

Renilda Ferreira Cazumbá **

Universidade Estadual de Feira de Santana

*Licenciada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Oraís – GEPPPO/UEFS/CNPq. E-mail: bispo.rebecca@gmail.com.

** Doutora em Linguagem, Sociedade e Produção de Discursos (UESB). Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Oraís – GEPPPO/UEFS/CNPq. Lidera o Grupo de Pesquisa em Ensino de línguas, educação literária e literatura insurgentes (INSURGE- UEFS/CNPq). E-mail: rfcazuma@uefs.br.

Resumo: O estudo apresenta os resultados da pesquisa etnográfica concretizada com o grupo de samba de roda Fruto da Raiz na comunidade do Poço em Antonio Cardoso - Bahia, coletivo que preserva saberes da tradição oral através da manifestação corpórea do samba. Embalado por cantigas tradicionais, o samba permite a manutenção de cantos e versos entoados que contam histórias valiosas deixadas por gerações passadas. Dessa forma, este artigo volta-se para a valorização e registro de uma parte desse arcabouço cultural afrobrasileiro, resultado do plano de trabalho “O poder da transmissão de histórias e saberes afro-brasileiros do Grupo Raízes do Samba do Poço de Antonio Cardoso - BA”, associado ao projeto de pesquisa Cacimba de histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Oraís (GEPO-UEFS/CNPq). Evidencia-se o vínculo entre as gerações e interesse das crianças e jovens por essas práticas tradicionais, como os saberes têm se mantido e renovado, fundamentando-se em teóricos como Hampaté Bâ (1977; 2010), Cléo Busatto (2006), Paul Zumthor (2010), Benjamim Walter (1994), Maurice Halbwachs (1990). Ao focalizar o grupo de samba Fruto da Raiz, interage-se com os narradores da manifestação do samba, visando analisar o processo de transmissão efetivada pelo grupo.

Palavras-chave: Tradição oral; Transmissão; Samba de Roda; Fruto da Raiz; Antonio Cardoso.

Abstract: The study presents the results of the ethnographic research carried out with the samba de roda group Fruto da Raiz in the Poço community in Antonio Cardoso - Bahia, an organization that preserves knowledge of the oral tradition through the bodily manifestation of samba. Packed with traditional songs, samba allows for the maintenance of chants and sung verses that tell valuable stories left by past generations. In this way, this article focuses on the appreciation and registration of a part of this Afro-Brazilian cultural framework, the result of the work plan “The power of transmitting Afro-Brazilian stories and knowledge of the Grupo Raízes do Samba do Poço de Antonio Cardoso-BA”, associated with the research project Cacimba de stories: lives and knowledge of traditional storytellers from cities in the interior of Bahia, of the Group of Studies and Research in Oral Poetics (GEPO-UEFS/CNPq). The link between generations and the interest of children and young people in these traditional practices, as well as knowledge has been maintained and renewed, based on theorists such as Hamaté Bâ (1977; 2010), Cléo Busatto (2006), Paul Zumthor (2010), Benjamin Walter (1994), Maurice Halbwachs (1990). By focusing on the samba group Fruto da Raiz, the narrators of the samba manifestation are considered, in order to analyze the transmission process carried out by the group.

Key-words: Oral tradition; Transmission; Samba de Roda; Root Fruit; Antonio Cardoso.

*Recebido em 31 de outubro de 2022..
Aprovado em 12 de fevereiro de 2023.*

PINHO, Rebeca Bispo. CAZUMBÁ, Renailda Ferreira. O poder da transmissão de histórias e saberes afrobrasileiros grupo de samba de roda Fruto da Raiz, de Antonio Cardoso - BA. *Légua & Meia*, Brasil, v. 14, n. 2, p. 50-67, 2022.

A intenção deste artigo é discutir parte da repercussão da pesquisa “O poder da transmissão de histórias e saberes afro-brasileiros do Grupo Raízes do Samba do Poço de Antonio Cardoso-BA” (PIBIC/CNPQ/2021-2022), associada ao projeto de pesquisa Cacimba de histórias: vidas e saberes dos contadores de histórias tradicionais de cidades do interior da Bahia, do Grupo de Estudos e Pesquisas em Poéticas Orais (GEPO-UEFS/CNPq), no qual interagimos com a manifestação cultural apoiada na oralidade do grupo de samba Fruto da Raiz- Samba de Roda Mirim das Umburanas¹ da comunidade afro-brasileira do distrito do Poço, no município de Antonio Cardoso - Ba. Parte da discussão foi apresentada na Jornada de Pesquisa em Narração de Histórias, em 2021.

Abordaremos o processo de transmissão e preservação de saberes tradicionais advindos dos mais velhos acessados através da Entrevista Narrativa aplicada em atividade de pesquisa de campo no projeto supracitado. Pensando como essas narrações se relacionam às atividades do grupo de samba, visando entender as ferramentas usadas pelos mais velhos para manter viva a tradição e como acontece a atração dos mais jovens pelo movimento. Isto posto, consideramos as interações e diálogos que estabelecemos com as narradoras e narradores das comunidades quilombolas de Poço, em Antonio Cardoso - Bahia, grupo criado e articulado por Raimunda conhecida como Dona Raimunda ou Tia Munda, a partir das quais percebemos que os conhecimentos acumulados tradicionalmente por essa comunidade afro-brasileira estão preservados na memória dos moradores. As cantigas e performances do samba de roda rural, nas celebrações do Reisado e festas familiares, nas criações de animais, plantio e colheita de alimentos da agricultura familiar, carregam saberes que chegam até as gerações mais novas (filhos e netos), mediante um processo de transmissão oral intrínseca às atividades da vida cotidiana dessas pessoas, pois não há aprendizado formal. Os saberes culturais preservados são transmitidos, especialmente, em atividades do cotidiano no trabalho de plantio e colheita de produtos da agricultura familiar de subsistência, dos ensinamentos diários da conduta de respeito aos antepassados, das festas e celebrações religiosas e festivas como São João e outras celebrações do calendário regional que envolvem toda a família.

Daremos ênfase às vozes que compõem o Samba de Roda Fruto da Raiz das Umburanas, para aproximar a comunidade acadêmica a esses saberes tradicionais. Por isso, ouvimos Dona Raimunda, que além de ser a fundadora do grupo, é professora de história, cordelista, poetiza, coordenadora da casa do samba do local e moradora da comunidade de Poço. Junto a ela podemos contar com a participação de três dos integrantes do grupo de Samba Fruto da Raiz- Samba Mirim das Umburanas: Erica, Messias e Gabriel. Esse levantamento nos levou a entender como as transmissões da cultura popular são asseguradas pelo grupo e qual o entendimento dos mais jovens sobre a importância de resguardar a tradição, além de várias cantigas registradas no momento do samba de roda, apresentando um vasto conhecimento sobre sua comunidade, seus antepassados e suas heranças culturais.

¹ Denominação atribuída ao município de Antonio Cardoso - BA. Através da Resolução Provincial nº 183, de 10/04/1843, sancionada pelo Presidente da Província da Bahia, Joaquim José Pinheiros de Vasconcelos, o território da capela de Santo Estêvão Velho (atualmente distrito de Antonio Cardoso) foi elevado à categoria de Freguesia com o nome de Nossa Senhora do Resgate das Umburanas. Fonte: www.santoestevao.ba.gov.br GALVÃO, Mons. Renato de Andrade. Notas sobre Antonio Cardoso Tribunal Regional Eleitoral em 2008. Arquivo Público do Estado da Bahia Câmara Municipal de Vereadores de Antonio Cardoso IBGE. Disponível em <https://prefeituradeaguibranca.com.br/ba/antonio-cardoso/historia-da-cidade>. Acesso em 17 de fevereiro de 2023.

A transmissão dos saberes que circulam no ato de transmissão é fundamental, de forma que a pesquisa em questão se baseia na importância que esses conhecimentos carregam e ajudam na construção de uma comunidade. Como discute Maurice Halbwachs (1968, p. 26), “[...] nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós”. Nota-se também que ainda existe uma hierarquização de conhecimentos, visto que “A educação africana não tinha a sistemática do ensino europeu, sendo dispensada durante toda a vida. A própria vida era educação” (HALBWACHS, 1968, p. 21). Por isso, daremos ênfase aos saberes desenvolvidos pelo contexto de transmissão das vivências em grupo, pois consideramos que são as memórias guardadas coletivamente e de forma individual que podem garantir a preservação da ancestralidade de um determinado povo negligenciado e subjugado.

A força das histórias de vida e saberes da oralidade tradicional

[...] sambadores, protejam essa arte bela/façam um congresso pra ela/não deixe o samba parar/ele morrendo seca a fonte dos conjuntos e acaba todos assunto da cultura popular êêê (Bule-Bule, -1997 -1998).

O grupo de samba de roda Mirim Fruto da Raiz das Umburanas, organizado pela professora Raimunda Mascarenhas, é originário do grupo Raízes do Samba de Tocos, de Antonio Cardoso, Bahia. A partir da roda composta pelos adultos, a promotora da cultura popular, como a própria Raimunda intitula-se, confirma a paixão de infância pelo samba de roda. Herança deixada pelos pais, a professora e promotora cultural relata como percebeu a necessidade de dar origem a uma roda de samba para crianças e jovens da comunidade como uma forma de inseri-los nesses movimentos populares e assegurar a existência futura da manifestação.

Composto por crianças e jovens moradores, bem como filhos e netos de habitantes do Poço, o Samba de Roda Mirim das Umburanas insere as novas gerações no samba de roda raiz do local, agregando nessas práticas a transmissão de valores e saberes importantes para a vivência em grupo e também a riqueza da cultura de seus povos. Durante os encontros de coleta de dados, notamos que a articuladora do grupo age como uma segunda mãe para todos os integrantes, apresenta a importância do samba embalado por cantos que narram histórias do povoado, mas também reforça a construção da ética, moral e educação dos participantes. Muitos dos jovens, estudantes, fazem parte da terceira geração do grupo Fruto da raiz e já realizam a transmissão para os menores. Tia Munda, como é denominada pelos sambadores mirins, toma como referência seu amigo e músico, cordelista, repentista e poeta Antonio Ribeiro da Conceição, o Mestre Bule-Bule, nascido em Antonio Cardoso - Bahia.

Como vínculo crucial desse movimento surge também o nome de Roque da Viola. Morador do Poço, gari e autodidata no aprendizado da música. Roque herdou o gosto do pai pelos instrumentos e sabiamente aprendeu a tocá-los rapidamente e de forma autodidata. É ele o responsável por ter passado para o Samba de Roda Mirim Fruto da Raiz das Umburanas o manejo com os instrumentos e permitido que jovens do grupo possam compartilhar esse conhecimento com os pequenos. Percorreu o país junto a Mestre Satu, integrante do Samba de Roda Fruto da Raiz, divulgando o samba de roda por várias regiões do país. O samba de roda é uma manifestação muito importante para a

comunidade afro-brasileira do Poço, o que pode ser reforçado se associamos seus elementos ao que afirma Maria Laura V. de Castro:

[...] o patrimônio imaterial constitui-se de saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam (CASTRO, 2008, p.12).

Além de se apresentar em celebrações religiosas, o samba é sinônimo de que há um resguardar de saberes importantíssimos para a história daquele povo. No samba, conforme explica Castro (2008), há uma retomada da ancestralidade e da memória que constitui cada morador daquele espaço, descendentes do povo da etnia Payayá, miscigenados, africanos escravizados, senhores de escravos. Através desse grupo existe também um fortalecimento da religiosidade.

Com base na discussão de Cléo Busatto (2006, p. 61) que identifica nas manifestações culturais “[...] a narração oral três categorias de imagens: imagens verbais, imagens sonoras e imagens corporais”, constatamos que as rodas de samba que acontecem no município observado estão preenchidas por esses elementos citado pela autora. Pelo que observamos na comunidade de Poço, fica evidente que o samba de roda é uma imagem corporal misturada a imagens sonoras, uma vez que cantigas são entoadas no momento da dança, e esses elementos sonoros carregam histórias orais dentro do seu enredo.

Alcoforado (1997) mencionava a importância das narrações orais, que acontecem desde a antiguidade e podem ser presenciadas dentro do samba. São essas narrativas as responsáveis por reviver acontecimentos, práticas e costumes que vinham sendo abandonados, logo, retomam saberes que serviram de grande apoio para a atualidade, já que contribuem para organização e formatação da sociedade, explicando muitos eventos do presente e trazendo valorosos fatos do passado. Assim, a relevância do contador de histórias, levando em consideração o que Benjamim (1994), discute sobre o apagamento do narrador. Também observamos, nesse sentido, a importância do trabalho realizado por Dona Raimunda e outros senhores que fazem parte da comunidade. A própria UNESCO reconheceu, no dia 29 de setembro de 2003, a importância de resguardar o patrimônio cultural imaterial, que é composto pelas tradições, oralidade, rituais, saberes e fazeres de uma comunidade, tendo como veículo principal a transmissão oral, “cujo conhecimento além de ser imprescindível no diálogo intercultural pode contribuir para a melhoria no sistema educacional, oferecendo novos recursos pedagógicos...” (SANTOS & NORTE, 2017, p. 11).

Neste percurso, as histórias de vida dos integrantes do grupo Fruto da Raiz do Samba de Roda Mirim do Sertão das Umburanas nos mostraram como as músicas cultivadas no samba são mescladas e contam histórias da comunidade e do grupo. A articuladora do grupo, professora Raimunda, entrevistada por nós, revela que ensina os mais jovens a cantar, sambar, relacionando com as vivências dos jovens, pois assim conseguem incentivá-los a participar e preservar os saberes antigos da localidade. Muitas vezes, tais saberes envolvem a prática de preservação do samba de roda, manifestação cultural de interesse desta pesquisa, em torno do qual permanecem vivas as cantigas, as rezas, as histórias e os causos tradicionais e a memória das experiências individuais e coletivas se amalgamam aos acontecimentos do presente e se ressignificam na manifestação sociocultural do samba rural.

Muitas histórias narradas por Dona Raimunda no momento da entrevista envolvem situações cotidianas das quais as crianças e adolescentes fazem parte, ao acompanhar os pais e parentes nas festas de casamento e reuniões de caráter religioso, e outras reuniões culturais que qualificam as formas de resistência dos afrodescentes. Tal processo se deu da forma como registramos nas primeiras entrevistas narrativas feitas ao Mestre Saturnino Dias Neri, de cognome Mestre Satu, e com as sambadeiras Antônia Neri e Valdemira Sena de Almeida, Dona Mira, integrantes do grupo de samba tradicional na comunidade quilombola de Tocos, também no município de Antonio Cardoso - Ba, nas quais reconhecemos a preservação e o empenho do grupo para manter vivo o manancial da cultura do samba.

Embora os mais jovens das comunidades sejam inseridos no mundo da escrita, pois uma parte significativa possui formação universitária, a tradição oral configura um valor preservado nestas comunidades rurais afrobrasileiras. Neste percurso, a fim de compreendermos melhor esse processo, dialogamos com o artigo “A Tradição Viva”, de Amadou Hampaté Bâ (2010), que nos assegura ser a oralidade a fonte onde reside o conhecimento mais profundo das tradições africanas. Abordar a história africana é, para esse pesquisador, referir-se à tradição oral, pois esta conforma a guardiã de saberes ancestrais “de toda espécie, pacientemente transmitidos de boca a ouvido, de mestre a discípulo, ao longo dos séculos” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 167). Tal estudioso das sociedades orais africanas nos ensina que a herança da tradição oral deste povo “ainda não se perdeu e reside na memória da última geração de grandes depositários, de quem se pode dizer são a memória viva da África” (Idem), apesar de atualmente nas sociedades a escrita ter preponderância sobre a oralidade e o livro ter estatuto maior como veículo do conhecimento. Entretanto, a herança oral ainda permanece viva na África e é transmitida de uma geração a outra graças à existência e à luta dos tradicionalistas, iniciados e detentores do conhecimento na tradição oral. Essas pessoas iniciadas pertencem a uma rede de transmissão que os tornam depositários de conhecimentos ancestrais, responsáveis por conservar e transmitir a palavra herdada.

Os tradicionalistas, pessoas iniciadas que têm a função de arquivar os saberes do passado da comunidade, impuseram resistências ao poder do colonizador pela força da palavra conservada. O dito possui um valor da verdade que a palavra oral carregava consigo, visto que a oralidade e a memória possuíam uma relação intrínseca à vida desses povos. A palavra dita representa o elo de coexistência entre as comunidades tradicionais e a verdade que era necessário guardar e transmitir com “fidedignidade as memórias individuais e coletivas” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p.168), porquanto a oralidade tem o peso que a escrita representa para as culturas ocidentais: “Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele e a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra” (Idem).

Hampaté Bâ explana, ainda, que alguns fatores “religiosos, mágicos ou sociais” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169), são responsáveis pela preservação da fidelidade da transmissão oral, visto que tal processo de guardar e transmitir envolve um conjunto de práticas, papéis e significados atribuídos ao que é dito e transmitido entre as gerações por meio da experiência e da iniciação. Além desse valor moral da palavra proferida, há também um caráter sagrado do que é dito. A oralidade carrega em si um saber total que amalgama valores materiais e espirituais, visto que no contexto da tradição oral esses aspectos não estão dissociados: “Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor

sempre nos permite remontar à Unidade primordial (HAMPATÉ BÂ, p. 169). A palavra possui um valor sagrado para essas comunidades de transmissão oral, no sentido de que é responsável por moldar a personalidade do indivíduo e, além de ser relacionada a todos os aspectos da vida, uma vez que o saber, para os africanos constitui uma totalidade que reúne de todas as experiências da vida comunitária e não é um valor abstrato, de acordo com o autor citado:

Uma vez que se liga ao comportamento cotidiano do homem e da comunidade, a “cultura” africana não é, portanto, algo abstrato que possa ser isolado da vida. Ela envolve uma visão particular do mundo, ou, melhor dizendo, uma presença particular no mundo – um mundo concebido como um Todo onde todas as coisas se religam e interagem (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169).

Por meio da tradição oral que é passada na observação e vivência de situações diárias como plantar, colher, brincar, e celebrar, as comunidades tradicionais aprendem, e difundem conhecimentos entre as gerações e reorganizam o sentido da existência, pois é orgânica e faz parte da vida: “A tradição oral é a grande escola da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas” (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169). A oralidade encaminha os diferentes modos de viver na comunidade tradicional, intercambiando as formas de conhecer e agir, compondo, deste modo, um significado amplo e de unidade do grupo: “Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo por- menor sempre nos permite remontar à Unidade primordial” (Idem). Todos os campos da vida estão interligados e se interferem: religião, racionalidade, fala e corporeidade fazem parte dos conhecimentos a serem apreendidos continuamente, pois a aprendizagem nunca finda.

A força da transmissão oral possui valor primordial em comunidades tradicionais africanas (a região da sanava do sul do Saara é a mais conhecida do autor), porque a fala resulta desta dimensão sagrada que é intrínseca à cosmovisão africana tradicional, no sentido de formação do caráter daqueles ou daquelas responsáveis pela transmissão do saber. A fala possui uma origem divina: “A tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente” (p. 172).

Dentre as características da transmissão oral, Hampaté Bâ (1977) enfatiza a sacralidade da palavra, pois esta possui valor primordial em comunidades tradicionais africanas (a região da Sanava do sul do Saara é a mais conhecida do autor). O valor sagrado pode ser percebido no fato de que, para muitas dessas tradições, “a tradição africana, portanto, concebe a fala como um dom de Deus. Ela é ao mesmo tempo divina no sentido descendente e sagrada no sentido ascendente” (HAMPATÉ BÂ, 1997, p. 172). Em sociedades de tradição oral, a tradição é organizada e possui estrutura hierárquica, em que a família tem papel primordial. O ensino “esotérico”, isto é, religioso, ministrado em escolas de iniciação, na verdade tem a função de dar continuidade ao saber iniciado na família: “[...] a educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas” (Idem, p. 10). Tal processo de difusão de saberes ocorre de forma assistemática, pois está ligado às circunstâncias da vida, e é

organizado de forma prática por meios das experiências diárias, de forma que se torna um saber vivo que fica gravado na memória dos aprendizes:

Assim, qualquer incidente da vida, qualquer acontecimento trivial pode sempre dar ocasião a múltiplos desenvolvimentos, pode induzir à narração de um mito, de uma história ou de uma lenda. Qualquer fenômeno observado permite remontar às forças de onde se originou e evocar os mistérios da unidade da Vida, que é inteiramente animada pela Se, a Força sagrada primordial, ela mesma um aspecto do Deus Criador (HAMPATE BÂ, 1977, p. 11).

A educação africana, enfatiza o autor, não tinha “a sistemática do ensino europeu, sendo dispensada durante toda a vida. A própria vida era educação”. (HAMPATE BÂ, 1997, p. 21). Dessa forma, apesar de na tradição do Grupo Fruto da Raiz do Samba de Poço, a transmissão acontecer através da Escola de Samba, grande parte desse processo ocorre de forma não sistemática, mediante a inserção espontânea das crianças e jovens nas festas e celebrações da comunidade. Ademais, como discute Hampate Bá (1977), esses saberes são aprendidos naturalmente dentro das atividades cotidianas, por intermédio da observação e inserção dentro dessas práticas. O samba, por exemplo, é aprendido pelos mais jovens por serem levados pelos mais velhos para presenciar as apresentações e por sempre estarem dentro dos festejos da comunidade. Assim, espontaneamente eles aprendem, é como a construção do conhecimento acontece. Além do samba, em conversas do dia a dia, no momento da colheita, do plantio, essas narrações são contadas como parte do diálogo corriqueiro dos moradores. Como coloca Vivian Rocha (apud LIMA, 2005, p. 89), é um fazer dentro da vida, é um ofício vivenciado e aprendido como parte integrante do cotidiano de uma comunidade”. Eles aprendem, e aprendem muito, sem necessariamente estarem se dando conta que estão sendo apresentados, no momento, a consideráveis saberes, uma vez que estão desenvolvendo suas atividades do dia sem traçarem planos de intencionalmente captar ou passar esses saberes.

Ao encontro das narrativas do Samba Mirim Fruto da Raiz

A entrevista feita ao grupo de Samba de Roda Mirim Fruto da Raiz das Umburanas aconteceu no dia vinte e nove de julho de dois mil e vinte e dois, na comunidade do Poço, localizada na margem esquerda do rio Paraguaçu, região metropolitana de Feira de Santana, com estimativa de onze mil quinhentos e cinquenta e quatro habitantes, especificamente na Casa do Samba, onde ocorrem as reuniões e inserção das crianças e jovens na tradição do samba. Com base em um roteiro de entrevista, estimulamos a conversa com os mestres, mestras e aprendizes do samba, para que falassem sobre suas vidas e histórias da comunidade. A interação com o grupo foi animada e alegre, já que as crianças nos receberam com cantigas e apresentação coreográfica do samba.

Para essa pesquisa recorreu-se à contribuição do método autobiográfico. Adentramos na comunidade e acessamos as narrativas de vida dos moradores, que se inserem na manifestação do samba. Neste sentido, a etnografia aliada à pesquisa bibliográfica encampou a concepção metodológica da pesquisa, baseando-se em J. Vansina (2013), que propõe os caminhos metodológicos tomados pela narração das histórias orais. Ademais, contou-se com a contribuição das ideias de Hampate Bá (1997),

que discorre sobre contação dessas histórias nos grupos africanos, uma vez que a comunidade acompanhada é descendente desses.

Ao longo da entrevista, por diversas vezes, o grupo apresentou canções e manifestações sonoras e corpóreas do samba de roda, respeitando a singularidade linguística dos participantes, que transcrevemos neste artigo. Dentre as aprendizagens que pudemos construir, observamos que os saberes e as histórias mantidos pelo grupo são alinhados ao samba de roda, e esta manifestação cultural representa um componente valioso de preservação das tradições da comunidade.

Os integrantes mais velhos entendem a necessidade de propagar os conhecimentos. Por isso, são atentos para a recepção dos mais jovens, que são inseridos desde a infância. Dessa forma, fizemos uma entrevista gravada, guiados por um roteiro que foi se adequando de acordo com o desenvolver da entrevista. Com a autorização dos integrantes, pudemos adentrar naquele ambiente. Assistimos, de início, a uma breve apresentação, com alguns dos componentes do Grupo de Samba de Roda Mirim. Em seguida entrevistamos Dona Raimunda, coordenadora do movimento, que se apresentou:

Eu sou Raimunda, articuladora do Samba das Umburanas, sou cordelista, e sou assim, promotora da cultura popular na região. Tem esses grupos de samba de roda aqui que eu coordeno, também tem um grupo cultural chamado Cambuí do Sertão, que é sanfoneiro, zabumba, que é pra, é o resgate do forró raiz, pé de serra também e as quadrinhas juninas, o samba de roda, cordel, poesia. O que é de cultura popular eu tô aqui pra incentivar, faço parte. Isto está internalizado em mim, amo muito, só deixo mermo quando eu morrer, mas eu tenho certeza, partindo vai ficar aí os frutos daquilo que eu plantei: o cordel, o samba de roda mirim e... na cultura popular de maneira geral (Dona Raimunda).

Dona Raimunda possui 61 anos. Narra que nasceu na Fazenda Tapera, localidade situada a uma distância de três quilômetros distantes da comunidade do Poço, em 1960. Vive há trinta e cinco anos no povoado. Como professora exerce uma influência muito grande sobre os moradores. Observamos, por meio da narração dos mais jovens, que ela assume o papel de mãe para todos; é conselheira e incentivadora da cultura e das raízes do povo do Poço. Como professora de história sempre levou a cultura do local para dentro do contexto escolar, apresentando para os alunos a origem dos seus, a história e ancestralidade dos moradores. Acrescenta sempre à narração a referência do Mestre Antonio Ribeiro da Conceição, o cordelista e repentista Bule-Bule. Natural de Antonio Cardoso e um dos maiores repentistas da Bahia, pois publicou mais de cem títulos de cordéis. É um grande incentivador das manifestações culturais do forró e do samba de roda. Gravou dois DVDs e oito discos. Também já passou por várias cidades do país e fora se apresentando com nomes como Gilberto Gil e Tom Zé, além de ter sido condecorado com a Ordem do Mérito Cultural pelo Ministério da Cultura. A personalidade de Bule-Bule é formada pelas influências do local onde nasceu, sertão Baiano.

Ao falar sobre o samba de roda, professora Raimunda conta como se deu a sua imersão nesta tradição:

A minha família sempre gostou de samba de roda que mãe fazia umas reza de São Cosme. Agora, achava a coisa mais linda ver a mulher

fazer a piega, mas eu não sabia sambar, só achava bonito e ficava ali olhando. Vim aprender a sambar um pouco já fazendo samba de roda. Eu dizia, como é que eu sou do samba e não sei sambar. Eu tenho pé pra lá, pé pra cá, até que eu aprendi um pouco. Aprendi a sambar (Dona Raimunda).

Narra também que sempre gostou de ouvir história, mas quando criança não sabia ler e, por isso, observava a irmã mais velha, que lia baixo, para que ela não escutasse. Ela se empenhou para aprender, de forma que foi para a escola aos sete anos. Com os muitos saberes que sua memória carrega, Dona Raimunda consegue atrair os jovens para o movimento de valorização e preservação da cultura popular.

Após a interação com a professora Raimunda, entrevistamos Érica Brandão, estudante de dezoito anos, moradora do Poço e participante ativa do Grupo Fruto da Raiz. Com base na narração desta integrante do grupo, evidencia-se o quanto a jovem já entende a importância de resguardar esses saberes. Muito comprometida com as ações da Casa do Samba, Érica fala sobre o quanto o samba de roda impacta positivamente sua vida, revelando que: “[...] qualquer coisinha de samba que tá indo eu tô dentro. Então...é prazer. E tipo, já coloquei como minha responsabilidade. É meu samba, é meu samba!”

Outro jovem entrevistado, foi Gabriel dos Santos. Com dezenove anos, o estudante de enfermagem e morador da comunidade, atua como oficinairo da casa do samba. Segundo ele, sua aprendizagem sobre os instrumentos foi passada por Roque da Viola, constituindo-se como parte da terceira geração dessa transmissão. Gabriel ensina os mais jovens a tocar variados instrumentos. Ao falar sobre sua experiência no grupo, ele diz: “Eu vim aqui pela admiração e permaneci pelo amor. Por isso que tô dando sempre esse incentivo assim. Assim como a Casa do Samba me ajudou bastante, eu tô aqui pra dar um retorno”.

Junto a Erica e Gabriel, entrevistamos também Messias Anderson Lima, estudante de catorze anos, morador do Poço e participante do Grupo de Samba. Messias toca pandeiro e já auxilia também no aprendizado dos mais novos. O adolescente narra sua experiência com o grupo contando: “Eu nem gostava do Samba quando era pequeno. Tia Munda me chamava pro meio da roda eu saía correndo porque não queria sambar. Aí teve um tempo que eu comecei a chegar mais pra perto, comecei a gostar, pegar gosto pelas coisas”.

Além dos três jovens, o grupo conta com vários outros que seguem a faixa etária dos entrevistados e crianças. Todos muitos entusiasmados com a manifestação cultural que é o samba. Observou-se, também, que todos os jovens têm origem afro-brasileira e reconhecem e valorizam suas identidades. Durante a entrevista narrativa, a todo tempo eles reafirmam suas origens e revelam como os grupos de samba reforça esse reconhecimento e entendimento sobre suas características, ancestralidade, abordando a importância de se reconhecerem diante da sociedade que sempre negou essas raízes. Logo, a Escola de Samba, local onde realizamos a entrevista, /significa um espaço de acolhimento dos jovens da comunidade que transborda ao aprendizado do samba, visto que, na localidade, são poucas as oportunidades e espaços culturais disponíveis para incentivo e valorização dos talentos artísticos locais.

Histórias da tradição oral e sociabilidades afrobrasileiras do Fruto da Raiz

Em nossas análises, ressaltamos a importância e protagonismo da professora Raimunda. No que se refere à preservação do samba de raiz da comunidade do Poço a professora representa uma das principais contribuintes. Desta forma, constituímos, dentre os saberes acessados, a representatividade desta professora e sambadora, junto aos jovens integrantes do Fruto da Raiz, considerando o componente ético que da transmissão oral na comunidade do Poço no município de Antonio Cardoso. Por ser moradora e professora da comunidade, Dona Raimunda conhece praticamente todos os residentes do Poço. É professora aposentada de história da rede pública municipal de Antonio Cardoso. Além de docente, participa ativamente dos festejos e dos movimentos religiosos e culturais da comunidade. Consciente da ancestralidade, da história e dos saberes que envolvem a vida local, a professora tornou-se a liderança da comunidade no que se refere à manifestação do samba e celebrações locais.

Dessa forma, todos a conhecem, valorizam seu trabalho e a enxergam como um ponto de referência. As mães confiam seus filhos ao trabalho que realiza na Casa do Samba, e tanto os mais velhos quanto os jovens da localidade a escutam e reverenciam seu trabalho de resguardar, divulgar e lutar pelos saberes tradicionais da comunidade. Seu conhecimento a respeito da importância de toda essa preservação, e como professora também reconhece a importância de uma educação contextualizada nos ensina bastante e agrega muito na formação da comunidade. Ao falar sobre a atuação de Dona Raimunda, Erica, admiradora da trajetória da mestra e aprendiz do samba de roda, faz referência a essa função de continuidade praticada pela mestra:

É raro, é difícil assim. A gente escuta história de outras coisas, assim, de outros lugares, mas às vezes pra falar da nossa raiz a gente saber o que aconteceu, o que a gente pode mudar, é...é escassos. Sim, Bule-Bule, só Tia Munda, só Tia Munda. (Erica)

Além de reunir os jovens e adultos para criar grupos de manifestação e manutenção das manifestações culturais, Tia Munda, como todos a chamam carinhosamente, envolve-se com a educação extraescolar de todos. Ela é peça fundamental no desenvolvimento da ética, moral e construção de conhecimento dos jovens do grupo. Os próprios jovens reconhecem e nos contam como isso se dá. Assim, Gabriel acrescenta: “É porque a gente chama de Tia Munda mas é uma mãe”. Messias revela que: “Ela é até amiga das professoras. Sempre que alguém faz uma coisa errada as professoras já vão pra ela, aí ela vem pra nos reclamar”, mostrando o respeito e influência de Dona Raimunda nas diversas formações dos jovens. Essa construção de afetividade é um dos fatores fundamentais para a persistência dos jovens no Grupo Fruto da Raiz do Samba de Roda Mirim das Umburanas. A todo momento, os entrevistados falam de Dona Raimunda com muito respeito, admiração e amor. Eles revelam que os momentos que passam com ela são muitos prazerosos e de muita aprendizagem. Gabriel diz:

Sempre, porque desde o fundamental eu estou com Tia Munda estudando. Após o ensino médio eu me separei porque ela não ensina no ensino médio, mas sempre ela foi incentivadora da, do estudo da gente, do conhecimento”, deixando claro como o vínculo deles com Dona Raimunda é tão forte que deixar de ter um momento com ela é chamado de “separação”. (Gabriel)

A professora de história é a inspiração da comunidade no que se refere à aprendizagem do samba e à valorização cultural e artística, conforme expõe Erica: “Minha inspiração também é Tia Munda. Sou poetiza e tipo, eu amo muito é, escrever, fazer cordéis, essas coisas. Então, é só inspiração mesmo”. Neste percurso, observamos que, no grupo de samba de roda Fruto da Raiz, há um incentivo para os jovens e crianças sambarem e entenderem a importância dessa manifestação cultural. Percebemos que, inicialmente, para as crianças, o saber e a importância do samba são incipientes. Mas, aos poucos, observando quem chegou antes, aprendem e começam a aprender o ritmo, as batidas e as cantigas que envolvem o samba de roda. Com o tempo, adquirem experiência e a aprendizagem de ritmos e coreografias complexas, tais como a “piega”, um tipo de pulo característico do samba rural. Saber realizar a “piega” durante o samba condiz com o aprofundamento do sambador ou da sambadora dos saberes da tradição; é. Trata-se de um saber aprendido de forma espontânea, na roda de samba, pois ela circula no momento de participação da roda.

Além da manifestação corpórea dos participantes, o aprendizado do samba de roda requer a inserção ativa da sonoridade dentro do grupo, uma vez que o samba é embalado por instrumentos e cantigas. Quem entra tem a oportunidade de aprender a tocar diversos instrumentos, porque há também a transmissão desse saber. Isso proporciona o aprendizado de novas cantigas usadas nas diferentes melodias do samba de roda.

As cantigas retratam a realidade do cotidiano, as histórias antigas e atuais dos habitantes, que identificamos como histórias da tradição oral ressignificadas pelos moradores da localidade de Poço. Como fala um dos integrantes e entrevistados, elas relatam o saudosismo dos acontecimentos, das festas locais, do coronelismo vigente na história do município de Antonio Cardoso e, principalmente, da resistência do povo negro escravizado na época. Durante a entrevista, foi entoada uma cantiga carregada de história e reflexão sobre a escravização, que, no entanto, reflete valores civilizatórios negros na diáspora africana, dentre os quais a celebração da liberdade como um direito, embora reconhecidos na canção pela experiência parcial de libertação contida no treze de maio:

Viva o negrooo/Viva o negrooo/Hoje é dia de comemorar nossa
luta/Viva o negro/Viva o negrooo/Hoje é dia de comemorar nossa
luta/Já lutei muito, trabalhei/Nessa terra fui torturado/Por isso treze de
maio não merece ser celebrado/ Por isso treze de maio não merece ser
celebrado/Viva o negrooo/Viva o negroooo/ Hoje é dia de comemorar
nossa luta/Não estamos desprezando a lei que nos deu liberdade/Não
estamos desprezando a lei que nos deu liberdade/Mas essa lei não me
deu a nossa dignidade/ Viva o negrooo/Viva o negrooo/ [...] (Dona
Raimunda, Erica, Gabriel, Messias).

A letra deste samba é representativa das lutas pela liberdade das pessoas negras no universo das comunidades quilombolas. Outro samba aborda canção trazida pelo grupo durante a entrevista., rEle revela que a manifestação do samba sempre esteve presente na cultura da região e é uma expressão movente das formas de resistência. O samba de roda é descrito como uma forma de fortalecimento diante das adversidades e tristezas cotidianas. Inspirados na criação poético-musical de Bule-Bule, os sambares e sambadoras do distrito de Tocos cantam o trecho da canção, do mestre supracitado: “Eu deixei jogo e bibida, também parei de fumar, por cavalo pra correr, botar galo pra brigar/ Deixei toda boemia, também parei de dançaaaar/ Hoje o que mais me consola é tocar minha viola/Bater pandeiro e sambaaar [...]”. (Dona Raimunda, Erica, Gabriel, Messias).

O samba cantado por Bule-Bule, segundo os entrevistados, representa a reelaboração da tradição viva, pois as letras das suas canções reproduzem os momentos de alegria e de convivência dos integrantes no espaço da Escola de Samba.

Nos trechos seguintes a cantiga faz um apelo para as gerações futuras, nomeando o samba como arte:

O samba nasce com a gente/Tá no sangue ninguém tira/ Mamãe dançava piega/ papai dançava quatiga/ fumava muito e bibia/Também gostou de jogaaar/ Deixou tudo de uma veeeez/Mas eu garanto a vocês só não parou de sambaaaaar/ Sambahoreeee, proteja essa arte bela/Faça um congresso pra ela/Não deixe o samba paraaar/ Ele morrendo seca a fonte dos conjuntos/ Se acaba a mãe dos assuntos da cultura populaaaaar aêêêêê. (Bule-Bule, cantada Dona Raimunda, Erica, Gabriel, Messias).

O apelo da letra evidencia a força comunicativa exercida pelo samba: transmitido através do pai e da mãe, os mais velhos, a manifestação cultural do samba de roda tem o poder de salvaguardar os saberes tradicionais e a identidade cultural. Com isso, constitui-se também como patrimônio imaterial desse corpo social: “O patrimônio imaterial constitui-se de saberes, os ofícios, as festas, os rituais, as expressões artísticas e lúdicas, que, integrados à vida dos diferentes grupos sociais, configuram-se como referências identitárias na visão dos próprios grupos que as praticam (CASTRO, 2008, p. 12). Esses contos compõem um valioso patrimônio imaterial, pois são constituídos de saberes de várias etnias. Oferecem a possibilidade de acessar conhecimentos diversos, quebrar preconceitos e fortalecer valores que estão sendo esquecidos e que são tão cruciais para o funcionamento da sociedade. Contam histórias que são símbolos para a formação das comunidades existentes e eternizam nossos antepassados. “O nosso acervo de literatura oral não tem a devida atenção que merecem [...]” (BUSATTO, 2012, p. 38).

As histórias da tradição oral também constituem saberes preservadas por integrantes do grupo de samba que pesquisamos. É Dona Raimunda que nos conta sobre as histórias que ouvia quando jovem. Relembra uma anedota que diz: “Tubiba nasceu falando no dia de sexta-feira, com dez dias caminhou, assim me disse a parteira, com nove anos de idade chegava em qualquer cidade desmanchava qualquer feira”. As histórias orais existiram por toda infância de Dona Raimunda e ajudaram na constituição da pessoa cheia de saberes tradicionais. A professora destaca uma personagem que quase sempre comparece nas histórias contadas oralmente na localidade, lembrando o seguinte caso, que remete à histórias do lobisomem:

Ah, tinha, história de lobisomem, muita. Eu acreditava, porque eu, eu sempre aprendi a fazer tudo cedo. Eu sabia mexer farinha, fazer beju, cavar cova. Fazia de tudo né!? Aí quando a gente tava mexendo farinha ficava até meia noite. Aí dizia: “é vamos trancar as porta porque o lobisomem chegava pra lamber o forno, quando a gente fazia o beju ficava aquele resto de tapioca. Aí a gente trancava tudo. Eu disse assim: é eles comiam cachorro pequeno, mas a gente acreditava mermo que tinha o danado do lobisomem. E vamos coisar porque se ele chegar aqui as portas tão bem escorada e ele não vai, ele não vem pra qui, lamber o forno nem mexer com a gente. Acreditava muito. Acreditava muito em assombração” (Dona Raimunda).

Outro caso contado pela professora envolvendo o espaço da comunidade de Poço é sobre a árvore que assustava a todos e carregava muito mistério. Ela lembra:

“Eu vinha da escola e tinha uma árvore de uma baixada que o nome dela é Pau Caixão viu, acho que é porque era muito frondosa e dava pra fazer um caixão viu. A árvore tá lá até hoje, agora, bem alta viu. Aí dizia assim: “Ali tem uma assombração”. (Dona Raimunda)

A força dessas histórias provindas do imaginário coletivo era tão forte que repercutia no comportamento dos habitantes. Busatto (2012), ao se referir a essas narrativas, aponta que: “Ao narrar um conto se concede ao ouvinte a possibilidade de criar seu cenário, a sua música e as suas cores” (BUSATTO, 2012, p.17). A própria articuladora, ao final da história transcrita acima revela: “Aí eu passava assim (cabeça baixa). Aí passava de olho fechado no escuro. Só que abria o olho quando já ia subindo a ladeira pra poder não passar naquele pé de caixão. Essas narrativas orais têm um potencial que também fazia parte das emoções das pessoas e produzia manifestações imagéticas. A autora citada acima salienta: “Esta é uma das características mais marcantes do conto: ter seu texto sustentado por imagens que estimulam o imaginário, o qual vai construindo todo um contexto, [...]” (BUSATTO, 2012, p. 55). Ainda, sobre sua passagem sobre a árvore conhecida como “pau caixão”, Dona Raimunda narra a experiência de um encontro com o chamado “cavalo mágico”:

Quando chegou próximo da fonte eu vi dois cavalos gigantes. Os cavalos foi subindo, subindo. Aí os cabelo foi fazendo assim também, faltou terra nos meus pés. Eu disse: Meu Deus do céus! Os menino viu gemer e eu tô vendo. O bicho vai comer a gente! Vi os cavalo, os cavalo foi...os cavalo de pequeno foi subindo, subindo, chegando na nuvem. Mas foi nada de cavalo subindo. Aí eu fui me aproximando quando eu cheguei era cavalo normal, mas foi o medo, menina, o medo que fez isso. (Dona Raimunda).

Essas histórias foram aprendidas também por intermédio do processo de transmissão oral, que mobiliza os jovens integrantes do Fruto da Raiz: “a memória coletiva permite entrelaçar experiências diversas no tempo e no espaço, transformando a tradição em fonte de reposição de sentido e imprimindo historicidade as práticas culturais” (TEIXEIRA, 2004, p. 33). Assim, através do grupo de samba, essas histórias são naturalmente aprendidas, uma vez que elas se conectam ao reconhecimento de pertencimento. Conseguiram chegar não somente na geração de Dona Raimunda, mas também na de Erica, que, ao lembrar de sua avó, conta:

[...] uma história que era tipo assim: É. Era de um...O pai foi trabalhar na roça, aí a mãe...O pai foi trabalhar na...o pai foi trabalhar na roça, aí como é o costume filho levar a comida po pai meio dia. Mas só que o menino era, era, nera flor que se cheire. Ele, oh, a mãe fez a comida, a marmitta do pai e falou assim: “Oh meu filho, vai lá levar a comida pra dar a seu pai”. Pronto, chegou no meio do caminho o menino pegou comeu a comida e pegou e botou pedra dento da comida e levou: “oh man...oh painho aqui foi a comida que pa...que mainha mandou que ela tá com oto home em casa”. Aí o pai chegou, é...danado assim, que acreditou na conversa do filho e foi lá e pegou e matou a mãe. Mas antes

da mãe morrer ela falou assim, que é que queria que o filho virasse bicho e também ele ficasse rodando assim, aquele negócio que coloca a cachaça...barril! Ficasse rodando o mundo todo. Aí, aí pegou essa história. Não sei se é verdade, porque ele levantou um falso levantado contra mãe. Porque ele falou, ele comeu a comida do pai, botou pedra, ele levou e falou: “Oh meu pai, mainha tá com o to homem em casa”. Aí ele foi lá pegou e matou a mãe. Foi, a mãe falou: “Ôh meu fi, tu fez isso comigo, eu também quero que tu vire aquele negócio. Vire barril. (Erica).

Apesar de dizer que não gostava de ouvir histórias, que não tinha muita paciência, verificamos o quanto esses contos ficaram registrados na memória coletiva. Erica conseguiu lembrar de mais um deles, que transcrevemos:

Também tinha uma história da...da, da cavala sacola, que era a fia que saía xing...Da cavala sacola, que acho que...a mãe que... A filha xingou a mãe sexta feira, esses negócio assim. Aí disse que tinha fé em Deus que a menina virasse cavala sacola. Aí era uma, uma pessoa com a asa vuando tudo e fica... “cavala sacola, cavala sacola” ... rrsrrs (Erica).

No momento da narração, essa história foi reconhecida por outros participantes da roda de conversa, que ouviram de seus pais a mesma narrativa com algumas variações. Provavelmente acontece porque as histórias são passadas através de narrativas e, como discorre Busatto (2012, p. 22), “a literatura oral sofreu alterações, como acréscimo de informações relativas à época e aos valores da comunidade onde era narrada, à omissão de detalhes que para aquele narrador era insignificantes”. O grupo de Samba de Roda Fruto da Raiz tem uma ligação valiosa para a preservação dos saberes tradicionais, sobretudo, aqueles ligados aos festejos e à religiosidade. Como as apresentações do grupo são feitas em todos os festejos da comunidade, e ao se apresentarem nos festejos joaninos os participantes ficam sabendo porque essas datas são importantes. São incentivados a serem operantes dentro da religião. Todos os entrevistados se declaram católicos. Os mais jovens por se apresentarem nesses festejos demonstraram conhecimento sobre as trezenas e a festa dos reisados. Ademais, como já dito, é no grupo de samba que eles conhecem várias músicas que contam a história do seu município. Ao serem perguntados sobre o tema das músicas, por exemplo, os jovens apresentaram uma que contava uma história como muitas que aconteciam antigamente em seu território. A música assim narrava:

Ah êeeh que vaqueiro malvado/Ah êêh que vaqueiro malvado/Tocou fogo na fazenda queimou o capim do meu gado/A fazenda não era minha/ Era de pasto alugado/Ah êêh que vaqueiro malvado/Ah êêh que vaqueiro malvado/Ah êêhh que vaqueiro malvado. (Erica, Gabriel, Messias).

A criadora do grupo de samba de roda Fruto da Raiz comenta ainda sobre essas histórias. Essas narrativas ora vêm em forma de música ora são contadas, e que dizem muito sobre o passado do município, que como na maioria dos contextos é comandado de forma autoritária pelos ricos e gera muito sofrimento para os mais pobres, principalmente para as mulheres, conforme rememora nesse trecho da narração. Com base no texto abaixo, evidenciamos que narrar essa história é encarnar a possibilidade de

o passado retornar ao tempo presente, promovendo um diálogo entre o que as pessoas, ou nossa cidade, foi e no que se transformou, conforme defende Cântia & Chagas (2021).

Que aqui, Nininha contava isso, que ela ia lá pra essa reza de São Cosme levava três meses lá em casa. Aí disse que ela namorou mais o neto, mais o filho de Antonio Cardoso velho. Antonio Cardoso o nome da cidade. O barbudão, valente, coronel, violento, que deu nome a cidade. Aí ela disse que ...é mas era Antonio Cardoso. Aí ela disse que começou a namorar. Aí a empregada disse assim: “Oh...antes tu comer pirão de água fria em tua casa do que tu namorar mais Tinô”. Aí um dia ela queria ajudar a empregada que chamava Teodora. Ela foi ajudar. Quando chegou pra ajudar, ele disse: “Eu não falei que não era pra você ajudar!?” Aí pegou o tacho de café quente, porque antigamente num, ninguém comprava café, torrava em casa com açúcar depois pisava no pilão. Pegou esse tacho de café e jogou nos pé dela. (Dona Raimunda).

Ainda nos conta sobre a crueldade e a tirania dos coronéis e diz:

Se a pessoa não, namorou e não queria casar ele chegava lá e castrava o home. Outra hora colocava um...era. Tinha o coro de boi, botava o coro de boi, custurava e ficava ali, cagava e mijava ali dentro, depois vá, debaixo da taca pra limpar e sair. Diz que fazia era coisa. (Dona Raimunda).

Dessa, forma evidenciamos que narrar essa história é encarnar a possibilidade de o passado retornar ao tempo presente, promovendo um diálogo entre o que as pessoas, ou nossa cidade, foi e no que se transformou [...]” (CÂNTIA & CHAGAS, 2021, p. 54). Além da transmissão, há, também, nessa comunidade, o entendimento do valor da narrativa oral, que segundo Busatto (2012) possui um forte apelo didático entre as comunidades, afinal “estes contos possibilitam enxergar etnias e suas diferenças, e constatar que a diversidade é saudável, amplia os nossos conhecimentos [...]. Auxilia a expansão da nossa consciência ética e estética” (BUSATTO, 2012, p. 38). Dona Raimunda revela que, como professora, passou muitos desses saberes e histórias na escola da localidade. Incentivadas por Dona Raimunda, as crianças que não participam do samba têm contato com essa manifestação que também é um saber popular. Em relação a isso, ressalta:

[...] às vezes têm sambadores mais idosos assim, por ignorância, não se preocupa em passar. Eu já tenho uma visão diferente né, porque se eu não passar, incentivar, não inculcar neles, aí daqui um dia não tem ninguém mais sambando. Agora tem, eu tenho certeza que aqui fica porque tem uma menina aqui mesmo que ela agarrou mesmo o samba de roda com unhas e dente e não vai, eu passando eles ficam no lugar. (Dona Raimunda)

Ao longo da entrevista, conforme já ressaltamos, é nítida a influência que Dona Raimunda exerce na preservação e disseminação das manifestações culturais; a professora movimenta e inspira a comunidade. Doa-se inteiramente para a educação e, o mais importante disso, é que alia a educação com as vivências e histórias do local. Os jovens integrantes do grupo também percebem a responsabilidade que possuem de

transmitir esse arcabouço cultural e de resguardar os saberes em torno do samba de roda para as gerações futuras. Gabriel, jovem oficineiro, que ensina os mais jovens a tocar, ao ser perguntado sobre o que faz ele estar ali, nos responde sobre a valorização dos mais jovens em preservar a tradição enraizada do samba e sentido coletivo dessa preservação:

É porque eu acho, eu acho não, tenho certeza, que toda cultura ela é enraizada. Então, a partir disso, já que temos raízes aqui temos que valorizar. Já é de dentro da pessoa já. Chegar aqui, ver um samba de roda, ver a valorização que é, ver a cultura mesmo, acho que isso dá um incentivo a mais pra gente dá seguimento (Gabriel).

Todos os entrevistados relataram também sobre as dificuldades de dar continuidade ao projeto, de como esses movimentos não são valorizados, pois muitos jovens da comunidade que poderiam participar não se apropriam e valorizam a cultura do samba de roda. Percebeu-se também que além desses saberes, com esforço, estarem sendo mantidos, há renovações. Nas práticas antigas, nas rodas de samba, prevalecia a hegemonia masculina em relação à execução dos instrumentos, pois apenas os homens tocavam, e não havia espaço para que as mulheres também pudessem tocar. Ao contrário disso, o grupo de samba de roda Fruto da Raiz, apesar da resistência de alguns, tem incentivado meninos e meninas a tocarem e sambarem. Assim, há meninas que já aprenderam a tocar os instrumentos. Tudo é considerado samba desde que todos estejam mergulhados na roda. Existe também um incentivo à inclusão de participantes com deficiência. O grupo mantém a tradição das músicas, das formas de sambar, das apresentações em festejos religiosos, mas se desfaz de antigos preconceitos que impedem o aperfeiçoamento do movimento, o que permite a renovação da tradição do samba de roda na localidade.

Considerações finais

Apesar das dificuldades relatadas, a comunidade do Poço consegue ainda preservar manifestações e saberes culturais. O samba está incorporado às atividades de aprendizagem das crianças e jovens da comunidade e, também aliado a outras práticas, resguardam saberes e histórias orais. Além de conseguir a tradição, existe também uma renovação que agrega valores e elementos à tradição cultural, de forma positiva. Embora haja relatos de que o grupo poderia ter sido maior, observa-se uma quantidade animadora de jovens comprometida com a preservação desses saberes. Os mais velhos, como Dona Raimunda e Roque da Viola, ensinam e transmitem saberes, mas também aprendem e são fortalecidos pela geração mais nova. Esse vínculo é peça fundamental para a continuação dessas memórias e aponta formas de assegurar que as próximas gerações acessem tais conhecimentos da tradição cultural preservada.

REFERÊNCIAS

BENJAMIM, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

BULE-BULE. *Só não deixei de sambar*. Salvador, 1997/1998. CR-ROOM.

BUSATTO, Cléo. *A arte de contar histórias no século XXI: Tradição e Ciberespaço*. Rio de Janeiro. Vozes, 2006.

BUSATTO, Cléo. *Contar e Encantar: Pequenos segredos da narrativa*. – 8.ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

CÂNTIA, Aline, CHAGAS, Fernando. *Narração Artística: modos de fazer*. Belo Horizonte: AbraPalavra, 2021.

CASTRO, M. L. V. de. *Patrimônio imaterial no Brasil* (Org.). Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. As características da cultura tradicional africana, suas multifacetadas, a oralidade, mitologia, religiosidade e formas de expressão. In: *Introdução à Cultura Africana*. Lisboa: Edições 70, 1977.

HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: *História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África*. 2.ed – Brasília: UNESCO, 2010.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais LTDA, 1990.

O FRUTO DA RAIZ. *O Samba de Roda Mirim do Sertão das Umburanas*. Programa Aldir Blanc Bahia. Youtube. 14 de mar. de 2021. Duração: 33h 15 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qpkHS5bnwO4>>. Acesso em: 20 de abr. de 2022.

ROCHA, Vivian. *Aprender pela arte a arte de narrar: educação estética e artística na formação de contadores de histórias*. São Paulo, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-04112010-150404/pt-br.php>. Acesso em: 31 de ago. de 2022.

SANTOS, Acácio. NORTE, Sérgio. *Narrativas quilombolas: dialogar-conhecer-comunicar*. São Paulo, 2017.

TEIXEIRA, João Gabriel L. C et al (Org.). *Patrimônio imaterial, performance cultural e (re) tradicionalização*. Brasília: ICS-UnB, 2004.

VANSINA, Jan. *A Tradição Oral e sua Metodologia*. Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br/artigos/25092013/a-tradicao-oral-e-suametodologia>>; Acesso em: 10 ago. de 2021.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Tradução Jerusa Pires Ferreira, Maria Inês de Almeida, Maria Lucia Diniz Pochat. Belo Horizonte: UFMG, 2010.